TLG205

Maio de 2002

Edição Especial
Independência

A Voz dos Bolseiros—Especial

Finalmente, alcançamos a tão almejada independência. Por isso, impõe-se o lançamento de um número extra nesta data como forma de nós, os bolseiros, celebrarmos o 20 de Maio, que jamais esqueceremos. Será, sem dúvida, um dos marcos mais importantes da nossa história. Assim, é pertinente gritar alto e bom som: "Somos independentes!". No entanto, independência não é só liberdade e autonomia como constatámos algures num dicionário de renome.

Independência implica de um lado direitos, mas, de outro lado, deveres e, acima de tudo, muito trabalho. É nestes dois últimos pontos que nos devemos empenhar para erguer a mais nova nação do mundo. Nós já compreendemos o significado de tão bela palavra, pois empenhamo-nos de corpo e alma para estudarmos e conseguirmos alcançar a tão desejada oportunidade de ir estudar numa Universidade portuguesa, com o intuito de regressar com os conhecimentos necessários para te erguermos a ti, Timor! É por ti, terra do Sol Nascente, que lutamos diariamente, frequentando as mais variadas aulas

Somos Independentes!

ministradas por professores portugueses. Não tem sido uma tarefa fácil, pois muitos trabalham para sustentar a família, tendo que gerir da melhor forma o tempo e os recursos.

Contudo, lutaremos até ao fim. Esta é a nossa forma de luta, agora é a vossa vez!

Nesta edição:

Editorial	1
Independência Política/Independência Económica	1
Entrevista: *À conversa com...*	2 e 3
Artigos da Constituição	4
Reflexos de Timor de Crisódio Araújo	4

Independência Política/Independência Económica

Do ponto de vista político, no dia 20 de Maio de 2002, Timor Lorosa'e escreverá a sua História em toda a parte do mundo. Todos serão informados através dos media que existe uma nova nação: chama-se ***Timor Lorosa'e***, foi colónia portuguesa, foi depois reclamada pelo Estado Indonésio como sua província e hoje é um Estado livre e independente.

Dia 20 de Maio de 2002 é o dia que o povo de Timor esperou ao longo de tantos anos de luta e resistência. Anunciaremos ao mundo a independência que sonhámos enquanto lutávamos e seremos a primeira nação independente e livre do século XXI.

Politicamente, isto significa que Timor será livre da intervenção de qualquer outro país, seja na governação, seja na segurança.

Para desenvolver a independência política existe o obstáculo da fraqueza económica, porque sabemos que ***" não há independência política sem independência económica"***. Como poderemos garantir a independência política que já conquistámos sem garantir que, do ponto de vista económico, não dependamos de ninguém?

Sabemos que a Economia é a chave do nosso desenvolvimento. Os sectores da **saúde**, **educação** e **agricultura** poderão ser vitais num primeiro período de produção da riqueza, mas para os desenvolver torna-se necessária a existência de capital.

As relações com as nações mais modernas poderão levar a doações e, devagarinho, a investimentos no nosso país que mobilizem os agentes económicos e promovam o crescimento que conduz ao desenvolvimento. Porém, para não estarmos sujeitos à vontade dos países doadores e investidores, temos, rapidamente, que "arregaçar as mangas e trabalhar".

FICHA TÉCNICA

O Boletim *A Voz dos Bolseiros* é realizado com o apoio da:

- Missão de Portugal em Díli.

Edição e Grafismo: Bolseiros com o apoio dos professores.

Impressão: Missão de Portugal em Díli.

Tiragem: 200 exemplares.

À Conversa com Taur Matan Ruak

Taur Matan Ruak, um dos homens que mais contribuiu para a independência de Timor Leste. Assim, esta é a entrevista que se impõe. Fomos encontrá-lo no seu gabinete e saciámos a nossa curiosidade...

Matan Ruak: - Em primeiro lugar, queria agradecer pelo facto de vocês me terem vindo entrevistar. Em segundo lugar, agradecer também aos professores por terem organizado este encontro.

Bolseiros: - Qual foi o factor determinante que o levou a entrar na Resistência?

M. R.: - A minha participação na Resistência e na luta, no princípio, foi mais por curiosidade. Era um jovem como vocês, por isso, acabei por ter curiosidade e aderi. Só mais tarde, com o desenvolvimento da luta, acabei por ter uma participação mais convicta.

B.: - Podia contar-nos uma das histórias que mais o marcou durante a Resistência?

M. R.: - Tenho várias histórias. Vou enumerar apenas algumas que penso serem muito importantes e interessantes. Em primeiro lugar, fizemos parte de um exército composto por 27 mil homens e depois, pouco a pouco, foi reduzindo até aos 500, 600 homens. Em segundo lugar, um exército pequeno, sem condições e sem nenhumas capacidades militares, conseguiu aguentar a guerra durante 24 anos contra a primeira potência militar da Ásia. Em terceiro lugar, uma população reduzida conseguiu levar a luta, apesar de ter consumido muitas vidas humanas, "facturando" para cima de 200 a 300 mil mortos.

B.: - Durante muitos anos resistiu nas montanhas para libertar o nosso país. Porquê?

M. R.: - Porquê? Porque como sabem, qualquer povo no mundo só pensa em ser independente, autogovernar-se, não ser dependente de ninguém. Como vocês, quando atingirem os vinte e tal anos, vão começar a pensar e a ter necessidade de viver sozinhos, e não com os pais. No caso de Timor também foi assim. Os timorenses acharam que deviam ser independentes. O povo lutou por isso, para a independência do nosso país, contra a ocupação estrangeira, a ocupação indonésia.

"... conseguiremos fazer com serenidade a segurança do nosso país."

B.: - Uma das nossas preocupações relaciona-se com a segurança. A FDTL estará preparada para garantir estabilidade em todo o território?

M. R.: - Eu sempre disse isso. Cada vez que as pessoas vinham falar comigo a fazer perguntas como esta, respondia: se conseguimos lutar e ganhar a guerra (e houve muita gente que nunca acreditou nisso), penso que também conseguiremos fazer com serenidade a segurança do nosso país. Mas para isso, temos que estar preparados e temos estado empenhados na formação dos nossos homens. Não só aqueles que estiveram no mato, que passaram a fazer parte do actual contingente da FDTL, mas também os mais jovens, porque, como sabem, uma coisa é fazer parte de um exército de guerrilha que tem uma vida muito irregular, "descomandada"; outra coisa é fazer parte de um exército regular, que tem a vida muito mais controlada, muito mais comandada.

B.: - Será que o Governo vai atender ao desejo do povo de levar os generais indonésios ao tribunal internacional?

M. R.: - Eu penso que tem havido um esforço nesse sentido por parte do próprio governo indonésio. O facto de terem organizado um tribunal para punir as pessoas que estiveram envolvidas no massacre, na violência de 99, é já um passo. Também o nosso tribunal, aqui em Díli, já puniu vários timorenses comandantes das milícias que estiveram envolvidos em 99. Agora, eu penso que o que devemos ensinar ao nosso povo, não é viver para que os generais sejam punidos, mas é esquecer o passado e concentrar a atenção no futuro. Isto é muito mais importante do que um general ser punido, só porque queremos ver um homem que esteve envolvido na violência, a ser punido! Em termos concretos, não se resolve nada. A não ser para estarmos mais à vontade psicologicamente e dizermos «ainda bem que ele foi preso, que foi castigado...»

B.: - Será que um dia a FDTL fará um intercâmbio com o TNI ou outra força militar?

M. R.: -O nosso interesse é ter boas relações com todos os países do mundo. Naturalmente, também com a Indonésia, pois é nossa vizinha. Normalmente, as pessoas dizem que podemos escolher os nossos amigos, mas os vizinhos não.

Quer queiramos quer não, esse país é nosso vizinho. É do nosso interesse ter boas relações com ele, manter uma cooperação em todos os aspectos, até no plano militar. Nós estamos dispostos a isso.
Quando todos os obstáculos políticos forem ultrapassados, naturalmente, passaremos também a estabelecer alguma preparação militar com a própria Indonésia. Aliás, os militares indonésios, como profissionais que são, não têm inimigos eternos. Portanto, não há justificação nenhuma para nós não termos um bom relacionamento com eles. Pelo contrário, é do nosso interesse, do nosso país, do nosso povo, manter boas relações, manter a cooperação permanente com o governo indonésio e com os militares.

B.: - Gostou de ver um ex-colega combatente assumir a presidência de Timor- Leste?

M. R.: - Eu pessoalmente fiquei muito satisfeito, tal como muitos dos meus colegas. O povo também ficou muito satisfeito, porque foi pelo voto deles que o Presidente Xanana conseguiu ser eleito. Portanto, é uma alegria para todos os timorenses e um orgulho tê-lo como presidente do nosso futuro Estado.

B.: - O dia 20 de Maio representa para o mundo a criação de um novo país. E para si o que significa?

M. R.: - Uma conquista muito importante, uma conquista sem precedentes. É uma conquista do povo de Timor, dos timorenses, dos que se bateram por este país e que devem estar orgulhosos desta conquista.

B.: - De que forma vai participar a FDTL na festa da Independência?

M. R.: - Em princípio, vamos participar simbolicamente. Vamos marcar presença no dia 19 à noite, em Tassi Tolo. No dia seguinte, vamos participar na cerimónia do hastear da bandeira aqui no Palácio, que já não será Palácio do Governador, mas será o Palácio do Presidente da República.

B. : - Qual é a sua opinião sobre os antigos membros das FALINTIL que, isoladamente, estão a treinar em todos os distritos?

M. R.: - Temos que estar conscientes que não existe ex- Falintil em lado nenhum. Este termo, isolado, foi inventado por alguém para burlar as pessoas menos esclarecidas. Realmente, houve muitas concentrações em Díli e noutras partes do território. Nós estamos a esforçar-nos para resolver a situação e penso que isso não é drama nenhum. As pessoas são manipuladas, instrumentalizadas porque não têm informação. Vamos tentar resolver tudo.

B.: - Imagine Timor daqui a dez anos. Pode dizer-nos o que vê?

M. R.: - As pessoas falam muito do paraíso e, se realmente isso for verdade, o meu desejo é tornar Timor um paraíso terrestre.

Nome: **José Maria de Vasconcelos**

Nome de guerra: **Taur Matan Ruak**

Simbologia: **Estar vigilante.**

Data de nascimento: **10 de Outubro de 1956**

Local de nascimento: **Baguia—Baucau**

Profissão: **General**

Número de filhos: **Não tem.**

Data de ingressão nas FALINTIL: **1975**

Autocaracterização: ***Um servidor do próximo!***

Timor no futuro: ***"Paraíso terrestre"!***

...devemos... esquecer o passado e concentrar a atenção no futuro!

Artigos da Constituição

Artigo 1°
(A República)
1. A República Democrática de Timor-Leste é um estado de direito democrático, soberano, independente e unitário baseado na vontade popular e no respeito pela dignidade da pessoa humana.

Artigo 2°
(Soberania e Constitucionalidade)
1. A soberania reside no povo, que a exerce nos termos da Constituição.

Artigo 63°
(Participação política dos cidadãos)
1. A participação directa e activa de mulheres e homens na vida política constitui condição e instrumento fundamental do sistema democrático.

Artigo 66°
(Eleições)
1. Os órgãos eleitos de soberania e do poder local são escolhidos através de eleições, mediante sufrágio universal, livre, directo, secreto, pessoal e periódico.

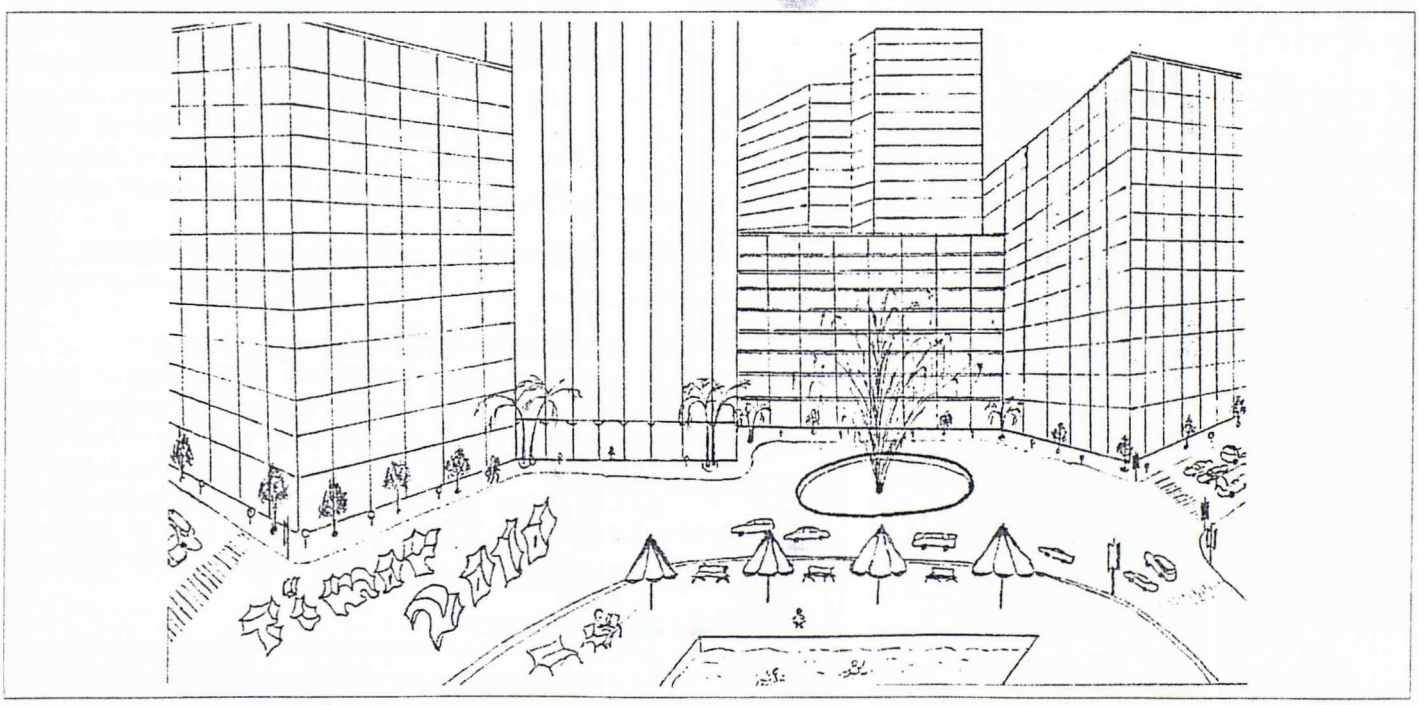
Aprovada e decretada pela Assembleia Constituinte no dia 22 de Março de 2002.

Reflexos de Timor

Reflexos da terra há muito deixada
Por tantos e tantos chorada...
Reflexos de um amor sedento de Paz
Corado do sangue de todo o que jaz...
Reflexos de um grito do Monte
Cansados de tanto sofrer...

Reflexos, Reflexos de Timor...
Reflexos de quem clama a Justiça
De um Mundo sem Lei nem Amor!
Reflexos de um Povo que grita
Liberdade, Liberdade, Viva Timor!

Crisódio T. Araújo
(escritor timorense)



Timor em 2010 visto pelos olhos dos Bolseiros.